

IV
FÓRUM DE
PARTILHA
LINGUÍSTICA

8 e 9 Outubro 2009
Fac. de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

CADERNO DE RESUMOS
ABSTRACTS

organização:
Núcleo de Jovens Investigadores do CLUNL

missão:
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL
Av. de Berna 26C 1069-061 Lisboa



Universidade Nova de Lisboa

- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas -

IV FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

IV Forum for Linguistic Sharing

Livro de resumos
Book of Abstracts

Organização:

Núcleo de Jovens Investigadores do CLUNL

Lisboa
8 e 9 de Outubro de 2009

Neste livro, os resumos estão organizados de acordo com a ordem das comunicações.

The abstracts in this book are organized according to presentation order.

Comissão Científica / Scientific committee

Professora Doutora Alexandra Fieis
Professora Doutora Ana Castro
Professora Doutora Ana Maria Martins
Professora Doutora Antónia Coutinho
Professor Doutor Carlos Gouveia
Professora Doutora Clara Nunes Correia
Professora Doutora Fernanda Menéndez
Professora Doutora Florencia Miranda
Professora Doutora Helena Valentim
Professora Doutora Isabel Duarte
Professor Doutor João Costa
Professora Doutora Maria Aldina Marques
Professora Doutora Maria Armanda Costa
Professora Doutora Maria do Céu Caetano
Professora Doutora Maria Francisca Xavier
Professora Doutora Maria Isabel Tomás
Professora Doutora Maria Lobo
Professora Doutora Maria de Lourdes Crispim
Professora Doutora Maria Teresa Brocardo
Professora Doutora Marina Vigário
Professora Doutora Rosalice Pinto
Professora Doutora Teresa Lino

Presidentes de sessão / Session chairs

Audria Leal
Camile Tanto
Carla Teixeira
Evódia Graça
Isabel Marques
Joana Cerejeira
Matilde Gonçalves
Teresa Santos

Comissão Organizadora / Organizing Committee

Camile Tanto
Carolina Silva
Evódia Gomes Graça
Joana Cerejeira
Lúcia Cunha
Teresa Santos

Secretariado / Staff

Mariana Silva
Stéphanie Vaz

Índice / Contents

Nº	Resumo / Abstract	P.
1.	<i>Crónicas de António Lobo Antunes - Uma piscina para crianças?</i> Marina Rocha	1
2.	<i>O Manual Escolar: género ou suporte?</i> Lúcia Cunha	2
3.	<i>A aquisição do acento primário de palavra no Português Europeu</i> Susana Correia	3
4.	<i>Construction Phase Results of a Portuguese Test for Sentence Development</i> Sónia Vieira	4
5.	<i>Reduplication revised: reduplication in Sign Languages</i> Francesca Forza	5
6.	<i>As estratégias de concordância do a gente pronominal no português do Brasil e no português europeu: análise de testes de avaliação subjetiva</i> Juliana Segadas Vianna	6
7.	<i>The descendants of the latin verbs Esse and Stare</i> Damien Zalio	7
8.	<i>The Afro-Portuguese Origins of Papiamentu: relationships with Upper Guinea Creole</i> Bart Jacobs	9
9.	<i>Aspectos Fundamentais da Política Linguística da Democracia Portuguesa</i> Paulo Feytor Pinto	10
10.	<i>Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de alunos</i> Filomena Viegas	11
11.	<i>Linguistic Mechanisms of Humour subtitling</i> Maria José Veiga	12
12.	<i>Estudo comparativo de formação de palavras em português e russo. O uso dos sufixos -IST (-ИСТ) e -VEL (-ВЕЛЬ(Н))</i> Larysa Shotropa	13
13.	<i>Gêneros do discurso e construção de memória na linguagem das histórias em quadrinhos</i> Robson Costa	14
14.	<i>Representação e prática: o discurso publicitário e a construção de imagens</i> Janaina Silva	14

15.	<i>Pistas acústicas para a caracterização das emoções na fala espontânea</i> Lis Gonçalves	15
16.	<i>Do pauses in read texts contain emotions?</i> Kairi Taimuri	16
17.	<i>Encountering otherness: travel and 'Archipelagic Narrative' in Rabelai's Quart Livre and Montesquieu's Lettres Persanes</i> Emir Delic	17
18.	<i>Neologia e polissemia terminológicas: os conceitos em Toxicoddependência</i> Sebastião Filho	18
19.	<i>Os textos bíblicos como objectos empíricos: consequências e desafios para a linguística</i> Camile Tanto	19
20.	<i>Compreensão de interrogativas de sujeito e de objecto: dados de aquisição de PE LI</i> Joana Cerejeira	20
21.	<i>Fala espontânea e provocada - Factores determinantes para a hesitação na Gaguez: um Estudo de Caso</i> Teresa Rei	21
22.	<i>A influência de propriedades fonológicas na segmentação: estudo-piloto com alunos do 5º e do 10º ano de escolaridade</i> Adelina Castelo	22
23.	<i>Variação Linguística na Terra Quente: Importância das Variáveis Externas</i> Joana Aguiar	23

Crónicas de António Lobo Antunes - *Uma piscina para crianças?*

Marina Rocha

Universidade do Porto

marina.alexandra.rocha@hotmail.com

Na entrevista que Lobo Antunes concedeu à RTP, e que a estação passou na rubrica ‘Dia D’ (emissão ininterrupta de documentários), no passado dia 25 de Abril, o autor avaliou todas as suas crónicas como ‘piscinas para crianças, pois temos sempre pé’.

Cabe-nos a nós, seus investigadores, questionarmos a validade da sua opinião: serão as crónicas dotadas de menos complexa e mais coesa macrotextualidade e, por isso mesmo, mais fáceis de ler? Ou serão estes textos apenas exemplos embrionários das estratégias que, *mutatis mutandi*, Lobo Antunes habilmente tem vindo a arquitetar na sua última tetralogia de romances?

Posto isto, é nosso propósito mostrar a relação entre as suas duas manifestações de prosa: crónica / romance. E para tal, propomos uma abordagem textual detalhada de uma das suas mais recentes crónicas *Orações soburdinadas* (19 de Março de 2009) e o romance *O Arquipélago da Insónia* (2008).

Elencam-se, de seguida, algumas questões que poderão subjazer ao posterior confronto textual, as quais optámos por dividir em duas abordagens, a discursiva e a sintáctica:

a) abordagem discursiva:

i. identificação / omissão da autoria das vozes narrativas; ii. transposição fictiva para um tempo anterior ao do discurso *ego / hic / nunc*; iii. presença / ausência de verbos introdutórios de relato de discurso; iv. presença / ausência de reformulações e discursos sincopados v. retoma de figuras narratológicas de vários romances;

b) abordagem sintáctica:

i. presença / ausência de elipses lacunares e sua respectiva legitimação; ii. recurso peculiar a orações subordinadas.

Acresce apenas dizer que a nossa posição se coaduna com a segunda das duas questões que inicialmente nos colocámos. Por outras palavras, consideramos que as crónicas não são ‘mais fáceis de ler’ pela falta de complexidade e rigor arquitectual, são-no pela brevidade inevitável de textos que são publicados quinzenalmente na Imprensa, logo mais compactos exemplos discursivos e sintácticos daquilo que o autor tem tempo e espaço para desenvolver nos seus romances.

Assim sendo, as questões que elencámos para as duas abordagens estão prefiguradas nas seguintes propostas teóricas: por um lado, no conceito de Heterogeneidade (Fonseca:1994), que reconhece na proferição de vozes discursivas outros entrosados num contexto enunciativo (Ducrot:1980) de Interdiscursividade (Fonseca:1994). Tal contexto é reconhecível através de mecanismos de *memória discursiva* (deixis ‘am phantasma’) (Fonseca:1992) e de esquemas polifónicos (Reyes:1984).

Por outro lado, na investigação que Matos tem vindo a desenvolver, a propósito da elipse lacunar em Português Europeu (Matos:1992; Matos:2004).

Acreditamos que talvez as crónicas não sejam ‘piscinas para crianças’, mas ‘piscinas olímpicas’ com a mesma profundidade e objectivos desta últimas, sendo que esse ‘facilitismo’ é apenas ilusório, pois os nadadores necessitam de possuir qualidades de natação exímias para nunca deixarem de ‘ter pé’.

Referências bibliográficas:

- Ducrot, O. et al. (1980). *Les mots du discours*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Fonseca, F.I. (1992). *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- Fonseca, J. (1994). Heterogeneidade na língua e no discurso in Fonseca, J., *Pragmática Linguística – Introdução, Teoria e Descrição do português*. Porto: Porto Editora.
- Mateus, M.H.M.; Brito, A.M.; Duarte, I.; Faria, I.H. (2004). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Caminho.
- Reyes, G. (1984). *La Polifonía textual – La citación en el relato literario*. Madrid: Editorial Gredos.

O Manual Escolar: género ou suporte?

Lúcia Sofia Gonçalves da Cunha

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

lucia.sgc@gmail.com

O Manual Escolar de Língua Portuguesa (MELP) é um instrumento estruturador do saber, que pretende uma aquisição ordenada dos conhecimentos, proporcionando o desenvolvimento de capacidades e a mudança de atitudes. Contrariamente a outro tipo de livros, este material didáctico define-se pela intenção de servir de suporte escrito ao ensino de uma disciplina, no seio de uma instituição escolar.

No âmbito da linguística textual, uma das discussões actuais é a determinação do que é suporte e do que é género. No que diz respeito ao MELP, vários investigadores o apresentam como um suporte. Na sequência deste ponto de vista, Marcuschi argumenta que o MELP conserva peculiaridades estruturais e funcionais, que se manifestam através da presença de géneros distintos, adequados aos objectivos de ensino. Na perspectiva deste autor, a inclusão de géneros textuais nos manuais escolares (géneros que circulam noutros suportes) não modifica a identidade desses géneros, embora lhes dê outra funcionalidade, facto que Marcuschi denominou *reversibilidade de função*.

Marcuschi destaca ainda a vasta produção de géneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a explicação textual, as fichas de exercícios, as instruções para a produção textual e muitos outros que incorporam o MELP. O espaço pedagógico contém muitos outros géneros que circulam nessa área e não incorporam o MELP, tais como as aulas, as conferências, os relatórios, os apontamentos, etc. Tudo indica que o MELP possa ser tratado como um “portador de géneros”, tal como é considerado o jornal ou a revista que podem ser detentoras de artigos de opinião, de notícias, de reportagens, etc.). Contudo, esta perspectiva não é clara, nem unânime, pois geralmente os MELP repetem-se no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura, ao mesmo tempo que apresentam poucas variações, ou seja, actualmente são relativamente estáveis. Índícios como estes poderão apontar para que o MELP seja tido como um género textual, em vez de ser considerado um suporte. Por outro lado, seria a mesma coisa que considerar, por exemplo, que a ficha de exercícios, elemento crucial de um MELP, não é um género, mas sim uma parte integrante do género MELP. No entanto, sabe-se que a ficha de exercícios, para além de incorporar os MELP, também circula fora dele, por exemplo, nos cadernos de exercícios.

Nesta comunicação analisar-se-á um conjunto de 10 MELP do 2º ciclo, com o objectivo de contrapor os diferentes argumentos de cada perspectiva, aferindo assim se o MELP assume características de suporte ou de género textual. Aspectos como a estrutura composicional, a temática e o estilo serão pontos de análise determinantes neste trabalho, que se insere numa investigação mais ampla, no âmbito do projecto Pretexto (CLUNL, 2007-2009).

Referências bibliográficas:

- Dolz, Joaquim. (2004). Os géneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: Scheneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim; e col. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 71-91.
- Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris : Dunod.
- Marcuschi, L. A. (2003). *A questão do suporte dos géneros textuais*. DLCV: Língua, linguística e literatura, João Pessoa, v. I, n. 1, p. 9-40.

A aquisição do acento primário de palavra no Português Europeu

Susana Correia

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

correia.smd@gmail.com

Introdução. A aquisição do acento de palavra tem sido um aspecto estudado em diversas línguas românicas e germânicas, mas não no Português Europeu. Os resultados observados em línguas germânicas têm demonstrado consistentemente uma predominância inicial do padrão trocaico, isto é, as crianças falantes de línguas germânicas produzem correctamente palavras de tipo forte-fraco (SW), como *DAddy* 'papá' ou *MOmmy* 'mamã', enquanto as palavras-alvo jâmbicas, ou de tipo fraco-forte (WS), como *giRAFFE* 'girafa', são frequentemente truncadas para monossílabos. Estes resultados conduziram alguns autores (Allen & Hawkins, 1979; Fikkert, 1994; Adam & Bat-El, 2008) a considerar o padrão trocaico como Universal. Tratando-se, o Português Europeu, de uma língua com um padrão acentual predominantemente trocaico (Pereira, 1999; Mateus & Andrade, 2000) espera-se que, como acontece nas línguas germânicas (que são fortemente trocaicas), o padrão inicial das crianças portuguesas seja trocaico.

Método. Para este trabalho recolheram-se produções de fala espontânea de 5 crianças portuguesas, dos 0;11 aos 2;6.

Resultados. Os resultados encontrados sugerem que, no início, as crianças portuguesas têm um comportamento diferente do observado nas crianças falantes de línguas germânicas. Os dados das 5 crianças observadas mostram que, no Estádio I, existe um padrão WS que é quase sempre uma repetição da mesma sílaba (nesta altura, os dissílabos têm uma estrutura de tipo $C_1V_1C_1V_1$). No Estádio II, emergem os dissílabos heterogéneos, isto é, os dissílabos em que as duas sílabas são diferentes ($C_1V_1C_2V_2$). No estágio III, há preferência pelo padrão SW, uma vez que as palavras-alvo de tipo SW são produzidas com maior taxa de correcção do que as palavras-alvo de tipo WS, e as palavras trissilábicas de tipo WSW ('saPAto') são truncadas para SW. No Estádio IV, os trissílabos são produzidos correctamente.

Discussão. Os resultados obtidos parecem sugerir que, no Estádio I, existe uma predominância de palavras de tipo WS. No entanto, esta predominância é apenas aparente, na medida em que as palavras deste tipo, produzidas pelas crianças, nesta altura, são instâncias de uma sílaba que é repetida (ex.: 'bebé', 'papá', 'Clara' produzido como [ka>ka], 'Noddy' produzido como [nç>nç]).

Estas evidências sugerem que, no Estádio I, as crianças portuguesas processam a palavra prosódica como uma sílaba (σ_{PW}). No Estádio II, os dois padrões prosódicos (SW e WS) são possíveis, sendo que o escasso número de produções de um tipo e de outro não permite concluir sobre a predominância de nenhum deles. A nossa análise é a de que, no Estádio II, as crianças portuguesas estão ainda no processo de escolher o padrão prosódico preferencial, tentando produzir os dois. No Estádio III, as palavras produzidas pelas crianças são preferencialmente de tipo SW e maximamente dissilábicas ($\sigma\sigma_{PW}$), isto é, 'PAto' e 'saPAto' serão ambas produzidas como 'PAto'. No Estádio IV, palavras com três ou mais sílabas são produzidas correctamente, não havendo restrições ao tamanho máximo da palavra.

Em suma, a aquisição do acento no Português Europeu parece infirmar a hipótese universalista do padrão trocaico inicial e reforça uma abordagem neutra, baseada nas características fonológicas e morfológicas das línguas específicas.

Referências bibliográficas:

- Adam, G., & Bat-El, O. (2008). The Trochaic Bias is Universal: Evidence from Hebrew. In A. Gavarró, & M. J. Freitas (Ed.), *Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA 2007* (pp. 12-24). Cambridge Scholars Publishing.
- Allen, G., & Hawkins, S. (1979). Trochaic rhythm in children's speech. In H. Hollien, & P. Hollien, *Current issues in the phonetic sciences* (pp. 927-933). Amsterdam: John Benjamins B.V.
- Fikkert, P. (1994). *On The Acquisition of The Prosodic Structure*. Dordrecht: Holland Institute of Generative Linguistics.
- Mateus, M. H., & d'Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Pereira, I. (1999). *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. PhD Thesis, Universidade de Coimbra.

Construction Phase Results of a Portuguese Test for Sentence Development

Sónia Vieira

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Sonia.vieira@tele2.pt

In Portugal there is no standardised language production test focusing only on syntax. The only existent standardized test (named TALC) centers primarily on comprehension and language production. However that test is not thorough enough to identify children with Specific Language Impairment, specially the ones whom the acquisition of grammar is more problematic than the acquisition of vocabulary. One method used by the speech therapist is the assessment of spontaneous speech. Although very rich in content, it is difficult to rate and time-consuming. Moreover if the child does not produce a syntactic structure spontaneously, it does not mean she did not acquire it.

We are developing a Portuguese syntactic production test based on a Dutch language production battery (Schlichting Test for Language Production). The test should reliably and validly measure the syntactic productive knowledge of Portuguese pre-school children. The test applies several elicitation techniques mainly exact imitation and imitation with variation. Imitation is not the mere reproduction of strings of words without meaning to the child. So the

utterances have a communicative purpose and are presented in a functional context. To assure that other causes besides syntax were not interfering on the complexity of the test, factors like lexical items, the length of the sentence and the articulatory complexity were kept in a low difficulty level. A construction phase was carried out to verify if we had acceptable results before proceeding to the final standardisation phase. The test was applied to a larger sample size than the previous pilot test, and had a total of 44 items. This phase involved 210 children with ages ranging from 3;0 to 6;0 with normal language development. The children came from seven different kindergarten schools (public and private) and from the area of Great Lisbon. The application of the test took less than 30 minutes and the items were scored in a dichotomously way: correct or incorrect.

The results made it possible to reorganise the items by growing complexity level. This was particularly significant since in Portugal a detailed knowledge of the normal sequence of acquisition of syntax is not defined. The scale had a good internal consistency with a Cronbach alpha coefficient of .90. There was a very significant correlation between the age of the children and their global scores, $r = .607, p < .001$. In a reliable scale all items should correlate with the total. Data with item-total correlation below .2 may have to be dropped. According to our results only three of the 44 items presented values below .2. These have to be reviewed before proceeding to the standardisation phase. Whatever we evaluate in the context of imitation must be taken as a conservative estimate of the child's linguist competence. However the encouraging results seem to support the idea that elicited imitation is not a simple rote imitation of the stimuli. Elicited imitation seems in fact to be an important technique in testing relations that spontaneous speech cannot straightforwardly reveal.

Reduplication revised: reduplication in Sign Languages

Francesca Forza

University of Verona

francescaforza@gmail.com

This work shows that data from sign languages (SLs) support theoretical analyses on the computational mechanisms of language. Specifically, SLs demonstrate that morphological reduplication only affects strictly grammatical features and can be distinguished by other kinds of reduplicating phenomena on this basis: reduplication operates before the lexical item is sent to the interfaces and has grammatical functions, while repetition has merely semantic effects. In this account, reduplicating phenomena are grouped into three types: phonological, morphological (here, *reduplication proper*) and syntactic (*repetition*).

Although space prevents discussing phonological reduplication here, the other two types are distinguished as follows. Reduplication is the doubling of a morphological category. In Japanese, for example, reduplication is used to change category ([V+V] Adv), in Chinese it changes the aspectual properties of the verb, in Indonesian it is used to form the plural, etc. I propose this kind of reduplication is purely formal and does not include processes pertaining just to semantics. Conversely, identical words can be juxtaposed. This is considered repetition: it does not serve grammatical purposes, and does not form new words. Among such reduplicating phenomena, contrastive repetition is attested (e.g. English: *coke-coke*).

As far as SLs are concerned, reduplication refers to phenomena such as cyclic reduplication, triplication, iteration, while repetition refers to oscillation and wiggling. For

example, in Swedish Sign Language (*Tecknad Svenska (SSL/TS)*), the sign WAIT consists of one repetition of the root, but if the sign is reduplicated, the root sign is repeated three times. As to conversion, in ASL for example, nouns are formed from verbs: GET made with smaller repeated movement means ‘acquisition’ (Klima & Bellugi 1979:246). Interestingly, the meaning is not compositional, a characteristic of morphological processes and not of syntactic processes. With regard to aspect, ASL adjectival predications can have aspectual modulation with a reduplicated form. Telic predications can become atelic through reduplication. This modulation is not, as with repetition, an optional expressive change. It follows that also this reduplicative process takes place before being sent to the interfaces. Similarly, ASL verbs have their aspectual properties changed through reduplication. LOOK-AT, for example, has a punctual form made with a short directional-path movement; instead, the durative form (‘to gaze at’) has smooth, circular reduplicated movement. In German Sign Language (*Deutsche Gebärdensprache – DGS*), then, the plural of mid-sagittal nouns is formed through triplication (Pfau & Steinbach 2006:146)).

So, reduplication has the following characteristics: it is category-changing rather than meaning-changing, it affects the aspectual contours of predications and it is pluralizing. Repetition, on the other hand, affects semantics but no formal aspects of grammar. Thus, the proposal can be further defined: reduplication outputs items at X level, while repetition results in X’ level objects.

Such generalization appears empirically adequate both in Spoken and in Signed Languages: it can consequently be considered universal, showing that SLs provide fundamental contribution to the theoretical study of natural languages.

References:

- Klima, E.S. & Bellugi, U. (1979). *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Pfau, R. & Steinbach, M. (2006). Pluralization in Sign and in Speech: A Cross-Modal Typological Study. In *Linguistic Typology* 10/2: 135-182.

As estratégias de concordância do *a gente* pronominal no português do Brasil e no português europeu: análise de testes de avaliação subjetiva

Juliana Segadas Vianna
 Universidade Federal do Rio de Janeiro
 jusegadas@hotmail.com

O quadro dos pronomes pessoais continua a ser apresentado pelas gramáticas como sendo composto exclusivamente pelas formas *eu, tu, ele, nós, vós, eles*, a despeito das alterações sofridas dentro desse sistema, tanto no português do Brasil quanto no português europeu.

Com relação à 1ª pessoa do plural, inclui-se apenas o *nós* no quadro dos pronomes retos, reservando à forma *a gente* um *status* indefinido. Além disso, a implementação da forma inovadora como alternante de *nós* é registrada na linguagem coloquial, não sendo mencionada para a escrita.

Outra questão pouco investigada diz respeito ao comportamento da forma *a gente* em relação de concordância com verbos e predicativos (*a gente está/estamos cansado(s)/cansada(s)*). As gramáticas mencionam de maneira breve o fenômeno da silepse,

mas pouco discutem ou descrevem sobre o comportamento da forma e as possíveis estratégias de concordância. Com relação a essas questões, a própria pesquisa científica tem sido incipiente, o que demonstra ser esse também um terreno potencialmente fértil para novas investigações nas diferentes variedades do português.

Destaca-se que inúmeros trabalhos anteriores têm analisado o comportamento de *a gente* como um caso de gramaticalização (Omena e Braga, 2003; Lopes, 2003; entre outros). Com relação a tal processo, é comum considerar-se que as formas gramaticalizadas apresentam, em geral, um comportamento “dúbio”: não perdem completamente seus traços originais e não assumem de maneira definitiva as propriedades da nova classe da qual passam a fazer parte, criando assim algumas incompatibilidades entre as propriedades formais e as semântico-discursivas (Lopes, 2003). Nesse sentido, uma das maneiras de estipular o controle das propriedades formais e semânticas da forma gramaticalizada consiste na análise do seu comportamento em estruturas predicativas, observando as estratégias de concordância de gênero, número e pessoa.

Focalizando esse tipo de construção, em diferentes variedades da língua, interessa-nos observar os padrões de concordância nominal e verbal da forma *a gente*, a fim de diagnosticar diferenças em seu estágio de gramaticalização. Para tanto, serão utilizados testes de avaliação subjetiva aplicados entre informantes brasileiros e portugueses.

Sendo assim, seguindo orientação laboviana, associada a modelos formais e funcionais que estudam o fenômeno da gramaticalização, pretende-se:

- i) Apontar semelhanças e diferenças no comportamento de *a gente* como pronome a depender da variedade do português, confrontando o PB e o PE;
- ii) Estipular uma descrição dos traços formais e semânticos de gênero, número e pessoa do *a gente* pronominal, tendo em vista duas vertentes do português: PB e PE;
- iii) Discutir se diferentes comportamentos – no PB e no PE – para a forma *a gente* caracterizam distintos estágios de gramaticalização.

Referências bibliográficas:

- Lopes, C. R. S. (1999). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ.
- Omena, N. P & Braga, M. L. (1996). “*A gente* está se gramaticalizando?”. In: Macedo, A. T., Roncarati, C. & Mollica, M. C. (org.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

The descendants of the latin verbs ESSE and STARE

Damien Zalio

Université de Paris IV – Sorbonne

damienzalio@hotmail.fr

The Latin verbs *esse* and *stare* have generated two independent and competing verbs in Spanish: *ser* and *estar* and in Italian: *essere* and *stare*. In Italian, these two verbs have unequal importance as regards their frequency and syntactic uses. The French verb *être* combines the formal and semantic features of the two Latin etymons. When pondering on the alternation between these derivatives, we have to reconsider the conventional opposition ‘momentary / permanence’ and the question of temporal and spatial localization. On the face of it, in Italian

essere states the subject intrinsic nature, while *stare* establishes the specificity of the subject situation. This opposition is not necessarily only related to the characteristics of the verbs and this presentation wishes to offer other possible elements of answer.

Basing our analysis on some examples taken from fiction and journalistic writings, we shall observe to what extent the uses of these verbs differ when considering their syntactic structures, their semantic properties and the meaning effects they produce.

However, after giving brief definitions and examples of the phenomenons above mentioned, we will have to tackle another issue: the use of these verbs, in French and Italian, as auxiliaries in the forming of compound tenses. We will try to give a global vision of the alternation between the French auxiliaries *être* and *avoir*, on the one hand, and between *essere* and *avere* in Italian, on the other, in order to define the criterion on which this discrimination is based. Concerning the structures that need the presence of one of the two verbs, it is possible to make the assumption that the contemporary Italian system is close to the medieval Spanish one.

Finally, we will suggest some lines of enquiry about the possibilities, in the three languages, for other verbs to compete with the derivatives of *esse* and *stare*.

In this presentation, we will be adopting a semasiological perspective and use the theoretical fram offered by the ‘Linguistics of the signifier’, initiated by Gustave Guillaume and developed by a group of Hispanicists from the University Paris IV-Sorbonne Their objective is to give back to the signifier the weight and the power it has and to observe the signified from a new point of view.

The method to present the results of our investigation will be te following: we will endeavour to find a hypothesis as much in the semantic content of each verb as in the specificities we will notice in the context and which distinguish each one of the three languages.

References:

- Rocchetti , A. (1987). « “Sono” ou “ho” vissuto ? L’emploi des auxiliaires avec les verbes intransitifs » [1975], in *Chroniques italiennes*, n°11-12: « Problèmes de grammaire italienne et de linguistique romane », 2^a edición, Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle, pp. 161-171.
- Delpont, M.F. (2004). *Deux verbes espagnols : haber et tener. Etude lexico-syntaxique historique et comparative*, Paris, Editions Hispaniques.
- VV. AA. (2008). *Chréode*, n°1 : « Vers une linguistique du signifiant », Paris, Editions Hispaniques.
- Launay, M. (1986). « Effet de sens, produit de quoi ? », in *Langages*, n°82, juin 1986, pp. 13-39.
- Guillaume, G. (1971). *Leçons de linguistique, 1948-1949*, B, vol. 1 : *Psycho-systématique du langage. Principes, méthodes et applications*, Klincksieck, Paris et Presses de l’Université Laval.

The Afro-Portuguese Origins of Papiamentu: relationships with Upper Guinea Creole

Bart Jacobs

Ludwig-Maximilians-Universität München

bart.jacobs@campus.lmu.de

This paper addresses the linguistic and historical relationships between Papiamentu (PA) and the Upper Guinea branch of Portuguese creole as spoken on the Santiago Island of Cape Verde (SCV) and in Guinea-Bissau and Casamance (GBC).

The origins of the mixed Spanish-Portuguese lexicon of PA (spoken on the ABC-Islands – Aruba, Bonaire and Curaçao – shortly off the coast of Venezuela) have been subject to intense debate. Lipski asserts that up to present “scholars are (...) evenly divided as to the Spanish vs. Portuguese origins of Papiamentu” (2005). Typical of this division is that in 1996 Munteanu painted PA as an originally Spanish creole, while in that same year Martinus defended PA’s Afro-Portuguese origins.

More recently, Kouwenberg & Michel (2007) labeled those hypotheses that defend PA’s Spanish origins as “untenable”, while Munteanu (2008), regarding PA’s origins, maintains quite the opposite: “Algunos estudiosos ponen en tela de juicio su origen hispánico y defienden su afiliación portuguesa, pero en la actualidad esta posición ha perdido mucho terreno”.

Quint (2000) claimed that “Le papiamentu et le badiais [SCV] ont une origine commune”. This claim, however, did not find any resonance in related publications. Parkvall (2000), regarding Papiamentu’s origins, declares: “Relexification from an African Portuguese Creole does not strike me as particularly likely”, and Lipski (2005) maintains that Papiamentu “is not clearly related to any West African creole”.

The present paper takes a straightforward stand within this debate: in line with Quint’s claim, we will argue that an early Upper Guinea Creole variety was transplanted to the ABC-Islands in the second half of the 17th century, where it would subsequently be relexified by Spanish. We will claim that this process of relexification / hispanization affected mostly content words, while leaving intact the original function words. To underpin this hypothesis, the paper shows that the correspondences between PA, SCV and GBC, are found exactly in the functional categories (e.g. the pronouns, prepositions, TMA-markers, functional verbs, question words, etc.). These linguistic data, in turn, will lead to the conclusion that PA, SCV and GBC constitute a separate branch of creoles within the larger family of Iberian creoles. Moreover, by analyzing several little known 19th century PA translations of parts of the Bible, we will demonstrate that, as one would expect in the case of relexification, early PA was closer to Upper Guinea Portuguese Creole than it is nowadays.

The paper closes with the presentation of little known historical data that accounts for the linguistic transfer from Upper Guinea to Curaçao in the 17th century (cf. Jacobs, to appear & in press). A special focus will be on the Dutch conquest of Gorée (cf. De Moraes 1993-1998), a small but important island shortly off the coast of Senegal, at the same latitude as the Cape Verde Islands, which served the Dutch as a roadstead from where Senegambian slaves were brought into the Caribbean in general and Curaçao in particular.

References:

Kihm, A. (1994). *Kriyol Syntax. The Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

- Jacobs, B. To appear. "The origins of Papiamentu: linguistic and historical connections with Upper Guinea Creole". To appear in *Diachronica* 2009.
- Jacobs, B. In press. "Papiamentu's origins: Where does the Old Portuguese come from?" *Proceedings of the 11th Islands Cultures Conference* ed. by Nicholas Faraclas, Ronnie Severing and Christa Weijer. Willemstad, Curaçao: Instituto pa Planifikashon di Idioma. To appear in 2009.
- Efraim F. (1996). *The Kiss of a Slave: Papiamentu's West-African Connections*. Ph.D. dissertation. Universiteit van Amsterdam.
- Moraes, N. I. de. (1993, 1995, 1998a). *À la Découverte de la Petite Côte au XVIIe Siècle (Sénégal et Gambie)*. Vols. 1, 2, 3 and 4. Dakar: Université Cheikh Anta Diop – IFAN.
- Quint, N. (2000b). *Le Cap Verdien: Origines et Devenir d'une Langue Métisse*. Paris: L'Harmattan.

Aspectos Fundamentais da Política Linguística da Democracia Portuguesa

Paulo Feytor Pinto

Associação de Professores de Português

aprofport@app.pt

Nesta comunicação apresentar-se-ão as principais características da política linguística portuguesa nos primeiros trinta anos do regime democrático. O diagnóstico, que resulta da tese de doutoramento na especialidade de Política de Língua, defendida em Julho de 2008, na Universidade Aberta, assenta na constituição e análise de uma base de dados de legislação linguística (3.636 diplomas legais, com 5.265 normas reguladoras) de acordo com um quadro teórico internacionalmente consagrado (Haugen, 1966, 1969, 1971, 1983; Kloss, 1969; Fishman, 1995, 1997, 2000; Kaplan & Baldauf Jr. 1997, 2003). Assim, foi analisada a legislação que procurou intervir no estatuto, no corpus, na aprendizagem e no prestígio de línguas através da regulação de práticas linguísticas dos residentes em Portugal.

Para melhor compreender esta actividade reguladora, foi tida em conta a história da gestão da diversidade linguística em Portugal, entre 1143 e 1973, as atitudes contemporâneas dos portugueses perante a sua língua e as línguas dos outros e o conjunto das práticas linguísticas no país, entre 1974 e 2004, que foram objecto da política de língua.

São seis as principais características da política linguística do Portugal contemporâneo que emergiram desta investigação: 1) Consolidação do português como língua nacional e oficial (a par da regressão do latim); 2) Quadro institucional de implementação da política linguística confuso, instável e fragmentado; 3) Restrições ancestrais na antroponímia; 4) A gestão da diversidade linguística visando a assimilação total; 5) Sucessos (francês e inglês) e insucessos (espanhol e alemão) da planificação da aprendizagem de línguas estrangeiras; 6) Fortes influências externas: União Europeia e Lusofonia.

Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de alunos

Filomena Viegas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

fifeca@sapo.pt

Resumo: Apresentação de alguns dados resultantes da investigação-acção sobre o estudo da expressão do tempo – deíctico e anafórico - e o seu emprego por alunos a frequentarem o 2.º ciclo do ensino básico. A intervenção no terreno, constituída como estudo de caso, envolve o estabelecimento de protocolos de colaboração com quatro escolas e com professoras de Língua Portuguesa. O trabalho de campo integra o recurso a uma plataforma de ensino e aprendizagem a distância que permite validar parte da recolha de dados produzidos, entre os quais aqueles sobre que incide a análise linguística. A investigação em curso incide sobre as dificuldades dos alunos na localização temporal de situações - estados e eventos – e na utilização de localizadores temporais adverbiais em produções individuais escritas. O corpus de textos sob análise é constituído por relatos de discurso em primeira e em terceira pessoa, funcionando como respostas a exercícios com algum grau de estruturação sobre conteúdos de funcionamento da língua.

A perspectiva didáctica do estudo tem o objectivo de contribuir para um ensino, tanto quanto possível integrado, da expressão linguística do tempo. Nas provas de avaliação externa dos três ciclos do ensino básico, recorre-se a critérios de classificação da expressão escrita dos alunos. Estes critérios incidem sobre questões de referência temporal na progressão e estruturação dos textos, com implicações na coesão e coerência textuais. Os critérios de avaliação justificam que, a montante, ao longo de cada ciclo, haja investimento num trabalho sobre o desenvolvimento da competência de conhecimento explícito da língua, mais concretamente, sobre a expressão linguística do tempo. Esse trabalho terá possíveis implicações nos desempenhos dos alunos, verificáveis na coesão e na coerência dos seus textos escritos. O trabalho sobre a categoria gramatical Tempo envolve aspectos específicos da gramática que estão directamente relacionados com os planos da Morfologia, das Classes de Palavras, da Sintaxe, da Semântica, do Texto e do Discurso. No trabalho de campo, adoptam-se os termos e os conceitos definidos no Dicionário Terminológico de 2008, que resulta da revisão da Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, de 2004.

A perspectiva linguística da investigação tem como objecto de estudo a expressão linguística do tempo, envolvendo dois subsistemas de valores temporais: a expressão da localização temporal de situações apresentadas em textos narrativos escritos, relativamente ao ponto de referência estabelecido na própria linearidade do texto; a relação entre a localização temporal das situações descritas e as coordenadas de enunciação definidas na entrada dos textos.

Na articulação das abordagens linguística e didáctica recorre-se a uma metodologia, envolvendo um processo cíclico: conceptualização de materiais de ensino, funcionando como instrumentos de análise linguística; utilização desses materiais em trabalho de campo; recolha de dados; análise dos dados; retoma do processo.

Bibliografia:

Duarte, I. M. (2003). *O Relato do Discurso na Ficção Narrativa, Contributos para a Análise da Construção Polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hudson, R. (1992). *Teaching Grammar. A Guide for the National Curriculum*. Oxford: Blackwell.
- Kamp, H., e U. Reyle (1993). *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- Oliveira, F. & Cunha, L. F.(2003). “Termos de Espécie e Tipos de Predicados”, in *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*, Porto: CLUP, pp. 57-78.
- Rosenshine, B. & Stevens, R. (1986). *Teaching functions*. M. C. Wittrock (Ed.) *Handbook of Research on Teaching, 3rd Edition*. New York: Macmillan.

Linguistic Mechanisms of Humour Subtitling

Maria José Veiga

Centro de Investigação do Departamento de Línguas e Culturas de Aveiro

mveiga@ua.pt

As a multidisciplinary field of study, Humour has been the focus of interest to many academics ranging from Anthropology to Cinema Studies. There has been an increasing interest in humour ingressions in the movies in the area of Translation Studies, and especially in Audiovisual Translation Studies (AVTS).

Translating audiovisual humour poses a genuine challenge to the translator, and more particularly, to the subtitler. Situational humor is usually more accessible to the public than that which is verbally expressed. Therefore, and in accordance with a descriptive approach, this paper aims to provide a reflection on the detection of illocutionary act (intention of) humour in the original film text and on the perlocutionary effect of humour either on the film characters themselves or, through subtitling, on the target audience. In order to achieve such effect, the translator/subtitler has to take into account that verbal humour requires a special treatment, not only as far as linguistic mechanisms are concerned, but also regarding the universe of paralinguistic elements.

In many countries (namely Portugal) where subtitling is traditionally widely accepted as the most common mode of audiovisual translation, humor subtitling has shown that there are specific translation competences to be considered. From a practical point of view, scenes from several feature films will be presented so as to illustrate some of the most valuable examples of verbal humoristic effect transfer into the Portuguese language.

References:

- Attardo, S. (1994). *Linguistic Theories of Humor*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Austin, J. L.. (1962). *How to Do Things With Words*. Oxford: Clarendon Press.
- Chaume, F. (2004). *Cine y Traducción*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Grice, P. (1989). *Studies in the Way of Words*. Cambridge/London: Harvard University Press.
- Raskin, V. (1985). *Semantic Mechanisms of Humor*. Drodrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: Dr. Reidel Publishing Company.

**Estudo Comparativo de Formação de Palavras em Português e Russo. O Uso dos Sufixos -
IST (-ИСТ) e -VEL (-БЕЛЬ(Н))**

Larysa Shotropa

FCSH – UNL

larysa@netcabo.pt

Nos tempos que correm, com a forte imigração de falantes russófonos, o seu contributo na vida social e cultural de Portugal e o crescente interesse perante a língua russa pela parte de portugueses, parece-me ser muito importante a elaboração de gramáticas em que se confrontem e comparem estes dois idiomas. Isto permitirá uma melhor compreensão das competências linguísticas dos falantes das duas comunidades. Assim, um melhor entendimento linguístico poderá reflectir-se nas relações humanas interculturais.

Este trabalho incidirá sobre um estudo contrastivo português - russo e insere-se na área da formação de palavras, onde, apesar dos desenvolvimentos teóricos recentes, este tipo de estudos não tem recebido muita atenção. Por isso, não é de estranhar que o número de estudos contrastivos entre as línguas em questão seja muito reduzido, não somente no que diz respeito à formação de palavras mas também em relação a outras áreas da linguística. O facto de este tipo de estudos não terem uma sólida tradição científica (tanto na Rússia como em Portugal) poderá explicar-se por as línguas eslavas serem tipologicamente mais afastadas das línguas românicas, do que, por exemplo, das línguas germânicas. Por isso, a abordagem das questões ligadas à formação de palavras em português e russo constitui um desafio importante e poder-se-ão alcançar algumas conclusões interessantes, tendo em conta que o material linguístico a ser estudado nunca foi objecto de outras análises.

O objecto do estudo são os sufixos - *ist* (-*ист*) e -*vel* (-*бель(н)*). A escolha destes elementos afixais não foi ocasional, resultou antes do facto de serem dos sufixos mais usados na língua portuguesa. Entre o sufixo -*ista* em português e -*ист* em russo existe uma forte semelhança e na tradução, quase sempre, o sufixo, a categoria gramatical e a função semântica mantêm-se. O mesmo não podemos afirmar em relação ao sufixo -*vel* (-*бель(н)*). Sendo em português um dos sufixos mais produtivos na formação de adjectivos deverbais, em russo este sufixo é muito raro e na tradução para o idioma russo dos adjectivos portugueses em que tal sufixo ocorre correspondem-lhe, na maioria dos casos, participios, adjectivos formados com outros sufixos e apenas num valor muito reduzido de adjectivos encontramos o sufixo -*бель(н)*.

A análise contrastiva dos elementos do sistema de formação de palavras em russo e em português tornará possível encontrar factores que dificultam ou facilitam a aprendizagem do russo pelos portugueses, evidenciando alguns problemas relacionados com a influência da língua materna no estudo do idioma russo, procurando perceber quais os problemas mais frequentes que surgem no processo de aprendizagem e contribuindo, simultaneamente, para a elaboração de material didáctico destinado a estudantes portugueses.

Com este trabalho, espero, pois, poder contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento do sistema de formação de palavras, dos aspectos formais e semânticos dos sufixos analisados, realçando os aspectos comuns e diferenciadores ao russo e ao português.

Referências Bibliográficas:

- Mateus, M. H. M. et al. (2003). Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho
Rio-Torto, G. M. (1998). Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português. Porto: Porto Editora.

- Vilalva, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta
- ГРИДИНА, Т.А. (2007). Современный русский язык. Словообразование: теория. Алгоритмы, трейнинг. Москва: Изд-во «Наука»
- ЗЕМСКАЯ, Е.А. (2008). Современный русский язык. Словообразование. Москва: Изд-во «Наука»

Gêneros do discurso e construção de memória na linguagem das histórias em quadrinhos

Robson Santos Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

robson.sc2001@gmail.com

O pensador russo Mikhail Bakhtin formulou no início do século XX os conceitos de enunciado, polifonia e dialogismo. Todo enunciado seria a unidade real da comunicação discursiva, sendo sempre e único e podendo ser dito apenas uma vez. Por outro lado, visto que as esferas sociais são inúmeras, possuindo especificidades que as particularizam, Bakhtin formulou o conceito de gêneros discursivos – construídos socialmente – que abarcaria enunciados com características semelhantes sendo o único modo da comunicação ocorrer de forma satisfatória. Os gêneros discursivos possuiriam uma memória discursiva que sempre seria retomada na produção de novos enunciados. Dentre as diversas linguagens surgidas no bojo da indústria cultural em finais do século XIX, as histórias em quadrinhos – HQs - podem ser vistas como uma das mais importantes e características do século XX – período de sua maior difusão e desenvolvimento. Com a união de texto, imagem e diversos outros signos e símbolos as HQs possuem especificidades que as singularizam de demais linguagens. Compreenderemos as HQs como um gênero discursivo contemporâneo perpassado dialogicamente pelas mais diversas vozes sociais. Ao entendermos as HQs como um gênero discursivo e este como um instrumento constituído *por* e constituidor *de* memória social compreenderemos as HQs como uma linguagem singular constituidora de memória do século XX. Desse modo pretendemos demonstrar por meio de fragmentos de narrativas quadrinísticas - e tendo como base os conceitos de Bakhtin - como ocorreria a construção de memória nessa linguagem específica a partir da construção de sentido gerada por meio do agenciamento de símbolos e signos textuais e imagéticos que compõem uma narrativa quadrinística.

Representação e prática: o discurso publicitário e a construção de imagens

Janaina Silva

Universidade de São Paulo

jm_net@ig.com.br

Partimos do pressuposto de que a vida em sociedade efetiva-se a partir de práticas sociais, constituídas pelas relações entre os homens e materializadas nos seus discursos. Desse modo, entendemos que o discurso representará e articulará conexões que circundam as diversas esferas que compõem o cenário social, político e cultural de uma sociedade.

Desse modo, temos como circunstância social uma estratégia empregada a fim de conduzir os sentidos discursivos a uma reestruturação e redefinição das formas de representação e significação que envolvem as práticas sociais, inculcando no sujeito-leitor (seja de um anúncio publicitário, seja de uma notícia no jornal) uma idéia, a nosso ver, falseada de que se é um indivíduo livre, que se pode agir com maior autonomia e flexibilidade.

Neste trabalho, portanto, desenvolvemos uma investigação que se norteará a partir de peças publicitárias brasileiras a fim de acolhermos dados e analisarmos os elementos que são parte integrante da publicidade veiculada na mídia, especificamente, de periódicos comerciais. Buscamos observar como os textos publicitários são constituídos no que concerne a sua estruturação textual e, particularmente, pela observação do discurso presente nesses textos, já que acreditamos ser por meio deles que são expressas as mensagens que incitam o seu leitor a identificar-se com o discurso a fim de efetuar a compra de determinado produto ou serviço, o que afeta incisivamente os aspectos sociais, políticos e culturais de uma sociedade.

Ao buscarmos compreender e analisar o texto publicitário, levamos em consideração alguns pontos que caracterizam esse tipo de discurso, pois o entendemos como meio de condicionamento do sujeito a concretizar determinados fazeres, em particular e objeto de nossa atenção, o fazer mercadológico, organizando sua estrutura textual com sons, imagens e elementos lingüísticos, seja predominando a mescla entre eles, seja apenas utilizando-se de um deles para atingir seu objetivo central. Concentramos nosso olhar no elemento lingüístico, pois acreditamos ser ele alicerce e fonte de ligamento entre os demais elos da estruturação material do texto publicitário, representando materialmente a circulação de determinados sentidos.

Assim, sob essa perspectiva, investigaremos a ação e a representação no modelo de peça publicitária empregada na mídia brasileira; com isso, mais precisamente, esperamos entender como essas práticas afetam o sujeito-leitor e seus porquês. Para tanto, consideraremos o fazer publicitário como aquele que simula no objeto/produto um repertório de significações com o intuito de condicionar o sujeito a deslocar-se do lugar de sujeito-leitor à posição de sujeito-consumidor, ou seja, como o processo de identificação atua nesse sujeito de modo que, por meio da construção lingüística, ele veja no objeto uma imagem refletida.

Será com base nas contribuições teóricas da Análise do Discurso, da História Cultural e dos Estudos Culturais que assentaremos nossas discussões. Com isso, esperamos contribuir à Lingüística – entendida de maneira ampla – em sua função de deslindadora dos conflitos gerados na linguagem estabelecida entre os homens e para eles.

Pistas acústicas para a caracterização das emoções na fala espontânea

Lis Gonçalves

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

lisdgoncalves@gmail.com

A fala espontânea tem, sem dúvida, informação extensa no que respeita à expressão das emoções. Como se sabe, ela não é o único meio de veiculação da informação emocional e não dependemos apenas da percepção auditiva para a sua identificação. Porém, a análise acústica da expressão das emoções na fala espontânea pode ajudar a identificar informações importantes que podem ajudar a minimizar ao máximo os erros provocados por um sistema de reconhecimento e síntese e melhorar o seu desempenho. Por outro lado, a análise da fala espontânea e da informação emocional que a caracteriza é também um contributo para a identificação do falante e do seu estado emocional no âmbito de uma investigação na área da fonética forense.

Variáveis acústicas como os valores de F0, energia, duração e formantes são pistas que podem ajudar a identificar a emoção a partir do sinal acústico (SCHERER 1989). Por outro lado, alguns estudos demonstram que a expressão das emoções não afecta igualmente todos os

formantes, existindo uma relação entre F1 e F5 e a sua importância na identificação acústica das emoções. Nomeadamente, no que diz respeito à sua frequência e à sua amplitude (PEREIRA 2007).

Pretende-se com este trabalho encontrar padrões que relacionam estes dois formantes e a expressão das emoções na fala espontânea. Para esse efeito, são analisadas gravações de doze falantes do corpus de fala espontânea CORP – Oral, desenvolvido no ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional). O estudo tem como foco as vogais de cada falante e a comparação de quatro emoções.

O trabalho proposto tem como objectivo encontrar uma variância nos valores da frequência de F1 e F5 conforme o tipo de emoção, à semelhança dos resultados obtidos em estudos anteriores, e assim, contribuir para a investigação em diversos e diferentes campos.

Do Pauses in Read Texts Contain Emotions?

Kairi Taimuri

University of Tartu

Kairi.Tamuri@eki.ee

Adding emotions to synthesised speech makes it much more natural and expressive, and also easier to understand. To model emotions for text-to-speech synthesis, it is necessary to find those acoustic parameters that express emotions. One such parameter is the pause which may, depending on the emotion, have different duration and frequency (Murray, Arnott 2008; Yildirim jt 2004; ten Bosch 2003; Montero et al 1999).

In my presentation I will try to answer two questions: 1) if pauses in a read emotional text in Estonian differ considerably depending on the emotion of the text; 2) if the emotion contained in the text can be recognised by looking at pause differences only.

The research material comes from the Estonian emotional speech corpus (<http://193.40.113.40:5000>). I have chosen passages read by a woman; the passages consist of sentences expressing sadness, joy and anger (120-130 sentences per each emotion, 16 passages on average). By analysing the duration, number, location (incl. compliance with punctuation) and characteristics (breathing pauses vs. pauses without breathing) of pauses I have verified those pauses where the emotions they express differ remarkably from each other. For example, depending on the emotion, full stop pauses with breathing differ from each other considerably: sadness pause is the longest (avg. 969 ms), followed by joy pause (774 ms), and anger pause (664 ms). As to full stop pauses without breathing, sadness and joy have different durations (resp. 991 ms and 664 ms). Angry texts contain the most breathing pauses and joyful texts the least.

Relying on the results I created a listening test where I changed the duration, number, location and characteristics of a three-sentence neutral passage. I asked 30 subjects to listen to the passages and decide which emotion they contained - anger, joy, sadness or no special emotion, i.e. the passage was neutral. The listening text contained 12 passages with different pause patterns.

Test results show if the emotion expressed by a sentence can be changed by manipulating only one acoustic parameter – the pause.

References:

- Montero, J. M., Gutiérrez-Arriola, J., Colás, J., Enríquez, E., Pardo, J. M. (1999). Analysis and Modelling of Emotional Speech in Spanish. *ICPhS 99*, 957–960.
- Murray, I. R., Arnott, J. L. (2008). Applying an analysis of acted vocal emotions to improve the simulation of synthetic speech. *Computer Speech and Language*, vol. 22, 107–129.
- ten Bosch, L. (2003). Emotion, speech and the ASR framework. *Speech Communication*, vol. 40, 213–225.
- Yildirim, S., Bulut, M.,; Lee, C. M., Kazemzadeh, A., Deng, Z., Lee, S., Narayanan, S., Busso, C. (2004). An acoustic study of emotions expressed in speech. *INTERSPEECH-2004*, 2193–2196.

**Encountering Otherness: Travel and ‘Archipelagic Narrative’ in Rabelais’ *Quart Livre*
and Montesquieu’s *Lettres persanes***

Emir Delic

University of Ottawa

emir.delic@uottawa.ca

While it would be hazardous, if not impossible, to pinpoint the exact origins of travel stories, they can be traced as far back as Herodotus (the 5th century B.C.). We also know that they begin to multiply near the end of the Middle Ages and that they grow in number, variety and popularity from the 15th century on. This trajectory can be explained by the fact that travel narratives are profoundly influenced by historical events and developments, indeed they draw on them. Thus, if the invention and the wide-spread use of the printing press played a key role in making travel stories more readily available to the reading public, the increasingly imposing presence of the Ottoman Empire on the European scene from the Renaissance on, the Reformation and its multi-faceted repercussions as well as the great transoceanic voyages are all factors that contributed to kindling an unflagging curiosity about foreign lands and peoples, a curiosity that travel accounts were called upon to satisfy.

It should come as no surprise, then, that travel stories, which at the onset resembled to route charts merely composed of toponyms and a few rudimentary notes, evolved fairly rapidly. It is notably during the Renaissance that, due in large part to geographical and cultural “discoveries” and the literary ambitions of travellers, they shed their archetypal form and metamorphose into different types of stories recounting different types of journeys,¹ including pilgrimages, business trips, study trips, travels related to (colonial) expansionism, and imaginary travels². Having said this, far from forming autonomous, solid wholes, these categories often influence and permeate into each other.

The category comprised of imaginary travels stands apart however. This is not because the other categories were somehow purged of imaginary qualities—imagination is, in fact, always at play in travel narratives given that the “unknown”, the “unforeseen”, the “foreign” is inevitably captured through the eyes of the beholder. It is rather because, contrary to their

¹ Marie-Christine Gomez-Géraud, *Écrire le voyage au XVI^e siècle en France* (Paris: Presses Universitaires de France, 2000).

² See Fernando Cristóvão, “Le voyage dans la littérature de voyage,” *Travel Writing and Cultural Memory/Écriture du voyage et mémoire culturelle*, ed. Maria Alziro Seixo (Amsterdam: Rodopi, 2000) 237-251.

counterparts, imaginary travel stories do not bear witness to impressions resulting from a real journey. In other words, they are fictitious by nature; they are travel fiction.

This paper will focus on such fictional travel accounts. More precisely, it will aim to show that the concept of “archipelagic narrative” (“fiction en archipel”), a concept originally developed by Frank Lestringant,³ can, if modified, be conceived of as a particular type of travel fiction. How does an “archipelagic narrative” differ from other travel narratives? What are its specificities? To what extent does it offer particularly picturesque and vivid sceneries for encountering otherness? These are the key questions that we will seek to answer by investigating two travel fictions drawn from the French literary corpus, namely Rabelais’ *Quart Livre*⁴ (*The Forth Book*) and Montesquieu’s *Lettres persanes*⁵ (*The Persian Letters*).

Neologia e polissemia terminológicas: os conceitos em Toxicodependência

Sebastião Filho

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

sebafilho@hotmail.com

Esta comunicação insere-se no âmbito de uma pesquisa em terminologia, terminografia e semântica lexical e tem por objetivo descrever alguns fenômenos neológicos em língua de especialidade, mais precisamente, quando um termo já existente é utilizado para dar conta de um novo conceito, ou ainda quando um termo apresenta uma significação nova.

A neologia semântica é uma forma de criação que implica o surgimento de uma nova significação em relação a um significante já existente, sendo responsável frequentemente pelo fenômeno da polissemia, este último fenômeno é complexo, não podendo ser entendido apenas como um aglomerado de significações existentes num determinado termo.

Assim, tendo em conta os fenômenos da neologia semântica e da polissemia, propomos fazer um estudo destas particularidades no domínio terminológico da toxicodependência a partir de corpora de especialidade.

Para a realização dessa investigação, observaremos e analisaremos o neologismo semântico terminológico, em contexto, que permite a construção da identidade de um novo termo, que traduz um novo conceito ou uma nova particularidade de um conceito.

³ Frank Lestringant, “L’insulaire de Rabelais, ou la fiction en archipel (pour une lecture topographique du ‘Quart Livre’),” *Écrire le monde à la Renaissance: Quinze études sur Rabelais, Postel, Bodin et la littérature géographique*, ed. Frank Lestringant (Caen: Paradigme, 1993) 159-185.

⁴ François Rabelais, *Le Quart Livre des faits et dictz Heroïques du bon Pantagruel, Rabelais. Œuvres complètes*, 2nd ed., eds. Guy Demerson, Michel Renaud and Geneviève Demerson (Paris: Seuil, 1995).

⁵ Charles-Louis de Secondat, baron de La Brède et de Montesquieu, *Lettres persanes, Œuvres complètes de Montesquieu*, eds. Jean Ehrard and Catherine Volpilhac-Auger (Oxford: Voltaire Foundation, 2004).

Os textos bíblicos como objectos empíricos: consequências e desafios para a linguística

Camile Tanto

Universidade Nova de Lisboa

camiletanto@yahoo.com.br

Os textos bíblicos têm despertado interesse ao longo da história por vários fatores, nomeadamente pela riqueza da narrativa (histórica para uns, fabulosa para outros), pela multiplicidade de temas tratados, pela construção textual, pela simbologia, entre outros.

Verifiquei que gêneros textuais como os Salmos e as Epístolas mantêm sua produtividade através de seus “equivalentes contemporâneos” - cantos litúrgicos e cartas/emails de missionários - apesar da distância temporal, pois a pertença a uma actividade de linguagem comum possibilita essa perpetuação. O mesmo não acontece com os Evangelhos, por exemplo, que não encontram equivalentes no meio religioso contemporâneo.

É certo que há diferenças no que se refere ao modelo de gêneros – entre salmos e cantos litúrgicos, por um lado, entre epístolas e cartas ou emails de missionários, por outro – mas estas diminuem quando nos referimos ao tipo de discurso, uma vez que estão associadas a uma mesma prática social (cf. Rastier, 1989 *apud* Coutinho, 2006)

É consenso que todos os textos são objectos empíricos e funcionam como sistemas complexos que variam com o tempo e cuja dinâmica interna se altera pela influência recebida do exterior (cf. Miranda e Coutinho, 2005 *apud* Coutinho, 2006). Ciente dessa complexidade, meu objectivo neste trabalho é identificar as características que constituem a identidade desses gêneros a fim de perceber a relação de adopção e de adaptação entre os textos empíricos (salmos, cânticos litúrgicos, epístolas, cartas, emails) e os gêneros dos quais dependem (cf. Bronckart, 2006).

Referências Bibliográficas:

- Bronckart, J.P. (2006) *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas, Mercado das letras.
- Coutinho, M. A. (2006) *O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística*. *Veredas* 10 (1-2), In. [http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo07.pdf]
- Coutinho, M. A. (2007) *Descrever gêneros de texto: resistências e estratégias*. IV Simpósio Internacional de Estudos de Géneros Textuais (SIGET), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, Brasil, 2007 (Publicação em CD-Rom).

**Compreensão de interrogativas de sujeito e de objecto:
dados de aquisição de PE L1**

Joana Cerejeira

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

joanacerejeira@hotmail.com

O objectivo deste trabalho é testar a existência de assimetrias na aquisição de interrogativas de sujeito (IS) e de interrogativas de objecto (IO), com verbos agentivos semanticamente reversíveis e irreversíveis.

Estas interrogativas são construções que implicam o movimento de constituintes para o nó CP devido à exigência de um princípio universal, o Critério-Q (cf. [3]); são estruturas que envolvem movimento A-barra e, finalmente, exigem a correcta transferência de papéis temáticos. Em PE, nas IO, mas não nas IS, o movimento da expressão-Q gera uma alteração na ordem canónica dos constituintes, passando o objecto directo (com papel temático de tema) a ocupar a posição típica do constituinte com papel temático de agente, e vice-versa. Ao mesmo tempo, nas IO, há intervenção de um argumento/papel temático. Ou seja, o papel temático do objecto (tema), atravessa o papel temático do sujeito (agente).

Dados de aquisição de línguas como o inglês, o hebraico ou o italiano (cf. [1], [2] e [4]) têm mostrado a existência de assimetrias na aquisição de IS e de IO, com melhor performance nas primeiras. Friedmann, Belletti e Rizzi (2009) mostram que a compreensão de IO nem sempre é problemática em contexto de aquisição, tratando-se de um fenómeno selectivo, condicionado pela semelhança estrutural entre o constituinte deslocado por movimento A-barra e o sujeito que é intersectado (interveniente) no decurso desse movimento. De acordo com estes autores, quando o elemento movido e o interveniente incluem um NP lexical, a compreensão de IO está mais comprometida. As estruturas do tipo Q-NP são atraídas para CP devido à presença, em C, do atrator complexo [+Q,+NP], enquanto que os sintagmas-Q vazios são atraídos por um atrator simples, [+Q]. Em IO, quando o sujeito e o objecto incluem ambos um NP lexicalmente restrito, o interveniente bloqueia a relação local A-barra devido à partilha do traço [+NP]. Este fenómeno explica, para o hebraico, a existência de assimetrias entre IO com expressão-Q leve e IO com expressão-Q lexicalmente restrita.

Tendo por base os estudos de Friedmann, Belletti e Rizzi (2009), nesta comunicação, apresentam-se os resultados de dois estudos experimentais de compreensão elicitada de IS e de IO por 60 crianças (20 crianças de 3, 20 crianças de 4 e 20 crianças de 5 anos) a adquirir PE língua materna (L1) e por 20 adultos (grupo de controle). Ambas as tarefas consistem num teste no qual, através da apresentação de desenhos, é feita a cada criança uma IS ou uma IO. O primeiro teste é constituído por interrogativas com expressão-Q leve: 20 IS (10 reversíveis e 10 irreversíveis), 20 IO (10 reversíveis e 10 irreversíveis), e 20 distractores. O segundo teste é constituído por interrogativas com expressão-Q lexicalmente restrita: 20 IS (10 reversíveis e 10 irreversíveis), 20 IO (10 reversíveis e 10 irreversíveis), e 20 distractores.

Se as crianças a adquirir PE L1 apresentarem um défice no acesso ao nó CP, esperam-se dificuldades na produção de todos os tipos de interrogativas. Se o domínio do movimento A-barra estiver comprometido, espera-se, igualmente, uma performance semelhante em todos os tipos de interrogativas. Se houver uma dificuldade na transferência de papéis temáticos, espera-se que haja uma assimetria na produção de IS e de IO que favoreça as IS. Por outro lado, se este for o caso, espera-se que a reversibilidade do verbo reforce esta assimetria. Finalmente, se houver problemas com interrogativas em que um constituinte deslocado por movimento A-barra

(objecto) e o interveniente (sujeito) que é intersectado no decurso desse movimento partilham o traço [+NP], espera-se que as IO com expressão-Q lexicalmente restrita estejam especialmente comprometidas.

Referências Bibliográficas:

- [1] De Vincenzi, M., Arduino, L.S., Ciccarelli, L., Job, R. (1999). Parsing strategies in children comprehension of interrogative sentences. In: Bagnara, S. (Ed.), *Proceedings of the European Conference on Cognitive Science*. Rome: Istituto di Psicologia del CNR, pp. 301-308.
- [2] Friedmann, N., Belletti, A., Rizzi, L. (2009). Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua*, 119, 67-88.
- [3] Rizzi, L. (1996). “Residual Verb Second and the Wh- criterion”. In Belletti, A. & Rizzi, L. *Parameters and Functional Heads*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- [4] Tyack, D., Ingram, D. (1977). Children's production and comprehension of questions. *Journal of Child Language* 4, 211-224.

Fala espontânea e provocada - Factores determinantes para a hesitação na Gaguez: um Estudo de Caso

Teresa Rei

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

teresacondelipes@hotmail.com

A Gaguez, tema em estudo, é definida na literatura como sendo uma perturbação da linguagem, isto é, a gaguez afecta a proficiência vocálica de um falante. Deste modo, a gaguez pode manifestar-se através de: (a) repetições; (b) pausas; (c) trunicações e (d) alongamentos silábicos, comportamentos que podem estar associadas ao excesso de tensão nas cordas vocálicas, entre outros factores. À gaguez podem ainda estar associados certos movimentos corporais, como por exemplo, o piscar d' os olhos, movimentos de cabeça e ombros, leve arrendamento dos lábios, a cara começar a ‘estender’ devido à pressão que é feita para falar, entre outros (cf: Friedman (1986), Irwin (1993), Guitar (2005)).

Numa tentativa de contribuir para o estudo da Gaguez, uma área desconhecida no Português Europeu, criou-se um paradigma experimental que tem como principal objectivo observar como a Gaguez se manifesta em tarefas de discurso manipulado (contexto de leitura) e em tarefas de discurso espontâneo. Visto que, de acordo com a literatura existente, existem diversos graus de Gaguez, a colocação em prática deste paradigma experimental contará com a colaboração de Terapeutas da Fala. É importante referir que o paradigma experimental visará apenas gagos em idade adulta.

As tarefas a realizar serão:

1. leitura oral de dois textos devidamente manipulados, em termos sintácticos e da estrutura fonológica (sílabas e *clusters* consonânticos) do material lexical constituinte;
2. pedir ao informante que resuma oralmente os dois textos lidos (a) para controlo de compreensão do texto lido e (b) como tarefa de produção de fala espontânea;
3. leitura de palavras em lista, extraídas na sua maioria dos textos lidos, com base em propriedades fonéticas e fonológicas: (i) o vozeamento ([-voz] vs. [+voz]) e (ii) a sílaba, no domínio da extensão e da complexidade silábica.

Com este paradigma pretende-se verificar:

- a) se os gagos apresentam o mesmo tipo de comportamento nas tarefas pedidas;
- b) se as tarefas pedidas nos dão pistas quanto à forma como os gagos planeiam o seu discurso;
- c) se a oralidade nos dá pistas quanto à forma como os gagos processam a informação lida;
- d) o tipo de estratégias a que os gagos recorrem para “fugir” às ditas palavras ‘problemáticas’ do ponto de vista da articulação;
- e) verificar em qual das três tarefas pedidas os gagos apresentam melhor desempenho.
- f)

**A influência de propriedades fonológicas na segmentação:
estudo-piloto com alunos do 5º e do 10º ano de escolaridade**

Adelina Castelo

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

adelina.castelo@gmail.com

A consciência fonológica tem sido estudada intensivamente, mas, até onde sabemos, dois tópicos têm sido pouco explorados: (i) o desenvolvimento da consciência fonológica em sujeitos já alfabetizados mas ainda em idade escolar; e (ii) a influência das propriedades linguísticas no desempenho em tarefas de consciência fonológica.

Quanto ao primeiro tópico, muitos estudos têm assumido que, após uma alfabetização bem sucedida, a criança domina esta competência (cf. Scarborough *et al.* 1998). Contudo, existem já várias evidências de que os resultados na realização de tarefas de consciência fonológica podem ser bons quando a unidade manipulada é a sílaba (e.g. Moats 1994) mas são bastante mais baixos – e frequentemente até influenciados pelo conhecimento ortográfico – quando se manipula o segmento (e.g. Moats 1994, Scarborough *et al.* 1998).

Relativamente ao segundo tópico, os resultados dos poucos trabalhos que controlam as propriedades fonológicas das unidades em estudo indiciam que essas propriedades influenciam realmente o desempenho dos informantes nas tarefas de consciência fonológica (e.g. Treiman *et al.* 1998, Alves *et al.* 2008).

O trabalho a apresentar faz parte de um estudo-piloto que visa testar o desenho experimental a usar num trabalho mais vasto de avaliação do nível de consciência dos segmentos não-consonânticos, por parte de alunos de diferentes anos de escolaridade. Nesta comunicação, avalia-se o desempenho de alunos do 5º e do 10º ano numa tarefa de segmentação de palavras em segmentos, procurando determinar: (i) qual o nível de sucesso na tarefa; (ii) qual a influência da classe natural dos segmentos não-consonânticos da primeira sílaba no desempenho da tarefa; e (iii) como são segmentadas as sílabas com ditongos decrescentes e crescentes. Os informantes foram vinte falantes nativos do PE padrão: dez alunos do 5º ano de escolaridade e dez alunos do 10º.

Na selecção dos estímulos, manipulou-se a variável ‘classe natural do(s) segmento(s) não-consonântico(s) da primeira sílaba’. Para cada condição, foram incluídos três estímulos, perfazendo um total de 42 palavras com o formato ‘CV.CV’, ‘CVG.CV’ ou ‘CGV.CV’.

Os resultados obtidos mostram que: (i) o nível de sucesso de ambos os grupos no desempenho da tarefa está longe dos 100%; (ii) a classe natural dos segmentos não-consonânticos influencia parcialmente o desempenho na tarefa; e (iii) os elementos dos

ditongos crescentes são sempre dissociados, ao contrário do que acontece com os ditongos decrescentes.

Referências Bibliográficas:

- Alves, D., I.H. Faria e M.J. Freitas (2008). Segmental properties and phonemic awareness. “7th International Conference of the British Dyslexia Association”, 27-29 Março, Harrogate Conference Centre, Harrogate, Reino Unido.
- Moats, L.C. (1994). The missing foundation in teacher education: Knowledge of the structure of spoken and written language. *Annals of Dyslexia*, 44, 81-102.
- Scarborough, H., L. Ehri, R. Olson & A. Fowler (1998). The fate of phonemic awareness beyond the elementary school years. *Scientific Studies of Reading*, 2, 115–142.
- Treiman, R., V. Broderick, R. Tincoff & K. Rodriguez (1998). Children’s phonological awareness: Confusions between phonemes that differ only in voicing. *Journal of Experimental Child Phonology*, 68, 3-21.

Varição Linguística na Terra Quente: Importância das Variáveis Externas

Joana Aguiar

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

joanaguiar@ipb.pt

Baseados na metodologia variacionista laboviana (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972, entre outros), e na pressuposição de que a variação linguística pode ser motivada por factores linguísticos e sociais, entrevistámos 100 falantes da Terra Quente Transmontana⁶, tendo sido identificados cinco fenómenos a analisar: (i) a manutenção da africada surda (e.g. [ɲɲ] amar); (ii) a semivocalização da lateral (e.g. *eis pagavam pouco*); (iii) a centralização das vogais anteriores [-altas] (e.g. tempo > t[ã]po); (iv) a realização de /S/ em final de palavra seguido de [-consonântico] (e.g. a[ɲ]aulas; a[ɲ]aulas; a[ɲ]aulas); e (v) o sândi externo envolvendo a realização da nasal (e.g. *assim que biam na gente*).

No caso destes fenómenos, verifica-se que a manutenção de formas arcaicas, como a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, a manutenção da africada ou o sândi envolvendo a realização da nasal, é mais consistente em falantes com mais de 65 anos. Verifica-se, também, que a realização de /S/ é quase sempre feita como [ɲ], excepto na faixa etária [36-50]. Nestes falantes há uma aproximação à norma na realização da fricativa final seguida de [-consonântico], o que pode ser indicador da pressão social para adopção de formas normativas em falantes profissionalmente mais activos.

Este trabalho permitiu, também, verificar que os fenómenos fonológicos estigmatizantes, como a realização da africada, a centralização da vogal [e] e a semivocalização da lateral, parecem ser mais perceptíveis e ao mesmo tempo mais controláveis pelos falantes, enquanto que os fenómenos pós-lexicais, porque menos dependentes do léxico, são menos perceptíveis e menos controláveis. A esta dedução junta-se a pressão que a variedade *standard* exerce sobre as variedades regionais. Por essa razão, todos os fenómenos lexicais e o fenómeno de sândi externo com a nasal tendem a desaparecer, ao mesmo tempo que fenómenos marcadamente regionais, cuja ocorrência é quase categórica, como a realização de [ɲ], começam a coexistir com outras variantes mais próximas da variedade *standard*, neste caso a

⁶ A região da Terra Quente ocupa é constituída por cinco concelhos: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor.

realização de [z]. Apesar desta tendência, é possível encontrar marcas de manutenção de formas já em desuso nos falantes alfabetizados com menos de 65 anos provenientes de Alfândega, concelho rural mais próximo da área de difusão do Mirandês, língua que mantém alguns dos fenómenos aqui abordados. Ainda em relação às idiossincrasias de cada concelho, é de mencionar a manutenção exclusiva, no espaço da TQT, da centralização de [e] em Carrazeda de Ansiães em falantes com mais de 36 anos.

Concluindo, a análise dos processos fonológicos de acordo com as variáveis internas e externas, mostra que as variáveis externas: concelho, idade e escolaridade são relevantes na análise dos processos aqui abordados, ao contrário da variável sexo, cuja importância na realização destes fenómenos é discutível.

Referências Bibliográficas:

- Weinreich, U., Labov, W. e Herzog, M. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In Lehmann. e Malkiel. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. Austin. pp. 97-195.
- Labov, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Eleventh edition (1991). University of Pennsylvania Press. Philadelphia.